ISSN 1519-0625

ANÁLISE DIACRÔNICA DA CLASSE DOS ADVÉRBIOS: DO LATIM AO PORTUGUÊS[1]

DIACHRONIC ANALYSIS OF THE ADVERB CLASS: FROM LATIN TO PORTUGUESE

Carina Kilian[2] e Laurindo Dalpian[3]

RESUMO

Nesta pesquisa, analisa-se diacronicamente a classe dos advérbios, a partir de seu estágio latino até o português atual. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizadas fontes bibliográficas oriundas de gramáticos da língua portuguesa e latina, bem como de filólogos. Para o embasamento teórico, também foram utilizados artigos extraídos da internet. O processo de análise evolutiva dos advérbios valeu-se da teoria dos metaplasmos. O estudo não abrange todos os advérbios, mas apenas aqueles que sobrevivem no português atual, uma vez que o tamanho e o tempo da análise não comportam um estudo mais abrangente. O propósito maior foi verificar se realmente os advérbios da língua portuguesa são oriundos da língua latina e demonstrar como ocorreu a transformação das palavras no decorrer do tempo, o que ajuda a entender melhor a estrutura morfológica dessa classe gramatical. Para analisar diacronicamente a classe em questão, foi preciso descrever os advérbios sincronicamente no Português e no Latim. Segundo o estudo de 115 advérbios, verificou-se que praticamente todos são de origem latina. A predominância das modificações ocorreu pelo metaplasmo de apócope (25 casos) e pela aglutinação (19 casos) das preposições aos vocábulos.

Palavras-chave: advérbio, diacronia, sincronia, linguística.

ABSTRACT

This research diachroniclly analyzes the class of the adverbs, from the Latin stage to the current Portuguese. To the development of the research were used library

[1] Trabalho Final de Graduação - TFG.

[2] Acadêmica do Curso de Letras/Português - UNIFRA.

[3] Orientador - UNIFRA.

resources from Portuguese and Latin grammarians, as well as philologists. To the theoretical base, besides the authors before mentioned, were also used internet articles. The process of the evolutionary research of the adverbs was based on the metaplasm theory. The study doesn´t cover all the adverbs, but only those that survive in the current Portuguese, considering that the size of the analysis doesn´t involve a coverest study. The main purpose was to verify if the portuguese adverbs are really provenanced from the latin language and to demonstrate how happened the word´s transformation over time, which helps to better understand the morphological structure of these grammar class. To do a diachronical analyze about this grammatical class, was necessary describe sinchroniclly the adverbs in the Portuguese and Latin. According to the study of 115 adverbs, was found that practically all the adverbs are from latin. The changes predominance occurred by a metaplasm apocope (25 cases) and by agglutination (19 cases) of the prepositions to the vocables.

Keywords: *adverb, diachrony, sinchrony, linguistic.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa a estudar a diacronia da classe dos advérbios, do latim ao português, a fim de identificar se os advérbios portugueses são realmente originários do latim, limitando-se apenas àqueles que sobrevivem no português atual. A pesquisa tem base bibliográfica e artigos de periódicos impressos e eletrônicos. Para o desenvolvimento da análise, foram consultadas obras produzidas por filólogos e gramáticos da língua portuguesa e da língua latina.

Portanto, transformações estruturais no léxico de uma língua são fatos comprovados pela Linguística, a qual constatou que as variedades da fala, ao se agregarem à escrita, podem incorporar suas formas populares. Sabe-se que do latim surgiram as línguas românicas, como o francês, o italiano, o espanhol e o português. Dessa maneira, nota-se que o português, assim como as demais línguas, é o próprio latim, modificado, exatamente porque ocorreram mudanças em seu léxico por meio da fala, a qual tem caráter individual, momentâneo e não segue normas gramaticais preestabelecidas como a escrita. É importante lembrar também que uma característica natural do ser humano é tornar tudo mais prático e rápido, a fim de atender o mais eficientemente possível a seus objetivos. O mesmo acontece com a fala, na qual pode ocorrer a supressão ou o acréscimo de fonemas às palavras para um melhor desempenho na comunicação. Esses processos de

alteração com supressão, acréscimos, transposições ou trocas de fonemas que ocorreram nos advérbios ficam evidenciados com o estudo dos metaplasmos.

Dessa forma, é oportuno apresentar as fases pré-históricas e históricas que ocorreram do latim vulgar ao português. O latim vulgar, na Lusitânia, teve dois períodos: o latim lusitânico (do século III a. C. até o século V d. C.), quando sofreu mudanças por causa dos substratos, e o romance lusitânico (século V d. C. até o século IX d. C.). No momento em que ocorreram as invasões bárbaras, houve a queda do Império Romano, e a continuidade do latim lusitânico se deu em mescla com os falares bárbaros.

A língua portuguesa possui três fases marcantes na evolução posterior: a fase proto-histórica (que vai do século IX d. C. até o século XII d. C.), quando existe a fala, mas não a escrita, e a fase histórica, que se subdivide em português arcaico (1189 ou 1198, conforme diferentes estudiosos, até 1536) e português moderno (1536 até os dias atuais). O período arcaico subdivide-se em fase trovadoresca (1189-1350), relativa aos trovadores, e fase da prosa histórica (1350-1536), quando se passa da poesia para a prosa, especialmente com os historiadores como Fernão Lopes, o qual descreve as grandes conquistas dos portugueses contra os mouros. A fase do português moderno é inaugurada com a publicação da primeira gramática da língua portuguesa, de Fernão de Oliveira (1536). Camões, no período moderno, dá à história um cunho épico (CARVALHO; NASCIMENTO, 1971, p. 25).[4]

REFERENCIAL TEÓRICO

A maior parte das gramáticas normativas da língua portuguesa definem o advérbio como palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo, outro advérbio ou todo um enunciado. Os advérbios são classificados de acordo com as circunstâncias que apresentam: afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação, tempo etc. Podem formar-se a partir de simples **adjetivos** (falar alto) ou acrescidos do sufixo *-mente* (no caso, advérbios de modo: felizmente, velozmente); de **substantivos** (meio, metade); de **pronomes** (muito, pouco); de **numerais** (primeiramente). A origem pronominal pode derivar de **pronomes**: **interrogativos** (onde? como? por quê? quando?), **demonstrativos** (aqui, ali, ai, lá) e **relativos** (onde - quando equivale a no lugar em que, no qual -, quando e como).

No latim, os advérbios constituíam-se de casos, como ablativos da primeira ou segunda declinação, locativos, acusativos singulares neutros, acusativos

[4] É preciso lembrar que essa divisão dos períodos do Latim e do Português não são unânimes, ou seja, há autores que colocam datas diferentes.

singulares femininos e acusativos singulares de tema em "i". São classificados como sendo de lugar, tempo, modo e qualidade. De lugar são os que respondem às perguntas "ubi? quo? unde? qua?" (onde? para onde? donde? por onde?). Os advérbios de tempo são interrogativos (quando? = quando?), demonstrativos (nunc = agora), relativos (dum = enquanto) e indefinidos (quondam = outrora). Podem estar também entre os numerais (semel = uma vez) ou serem representados por algumas palavras designativas como *hodie* (hoje), *subinde* (sucessivamente), *extemplo* (imediatamente) e outras (RAVIZZA, s.d., p. 149).

Um processo que se verificou ainda no latim, para a formação dos advérbios, é a conversão da classe do adjetivo para a do advérbio, com o adjetivo na forma neutra: *clamo altum* (COUTINHO, 1962, p. 310). Hummel trabalha o processo da conversão do adjetivo em advérbio na perspectiva sincrônica, em se tratando da língua portuguesa do Brasil, e na perspectiva diacrônica, do latim às línguas românicas, ressaltando que nestas a conversão é um processo muito produtivo. Segundo o autor, a conversão das categorias é predominante na linguagem informal, ao passo que, na linguagem formal, há a preferência pela construção com o sufixo *-mente*.

A conversão de palavras de uma determinada classe para outra é bastante recorrente. Por exemplo, um numeral, um pronome, um adjetivo ou outros podem assumir a característica de um substantivo. De maneira semelhante ocorre com o adjetivo, que pode ser advérbio, situação em que a diferença é a variabilidade do adjetivo e a invariabilidade do advérbio.

De acordo com tais colocações, pode-se dizer que a classe dos advérbios compõe-se de grupos de vocábulos com funções sintáticas e semânticas diferentes. Dependendo da circunstância que cada um indica e das diferentes estruturas frasais em que estão presentes, altera-se semanticamente o enunciado ou até a própria palavra. Em consequência disso, muitos teóricos têm pontos de vista semelhantes ou diferentes sobre os advérbios.

Cunha e Cintra (1985) colocam como função exclusiva do advérbio a modificação do verbo e de toda a oração. Ressaltam que um adjetivo e outro advérbio têm seu sentido reforçado pelos advérbios de intensidade. Dessa forma, as palavras intensificadas são enaltecidas e/ou singularizadas quanto ao seu sentido na oração, conotando uma função exclusiva para os vocábulos determinados pelos intensificadores. Os autores configuram os advérbios de intensidade em: "assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão etc". Dentre esses advérbios, coloca-se que "mais", "menos", "tanto" e "tão", além da intensificação, também se inserem na classificação gradativa comparativa. Por sua vez, "bem" e "muito" pertencem ao grau superlativo analítico.

Rocha Lima (1972) compartilha, em parte, a afirmação evidenciada por Cunha e Cintra (1985), mas confere aos advérbios de intensidade a característica de indicadores de grau para adjetivos e outros advérbios. No contexto mencionado pelo autor, a gradualidade do adjetivo ou do advérbio indica a condição de comparatividade (superioridade: mais que; inferioridade: menos que; igualdade: tanto quanto) ou superlatividade (analítica: muito bom; sintética: ótimo) desses constituintes em relação aos demais que compõem a frase.

Desse modo, fica a dúvida de como classificar o advérbio: será intensificador ou indicador de grau? A escolha de uma alternativa dependerá do contexto sintático-semântico da frase, conforme a relação dos constituintes entre si. De acordo com tais posições, nota-se a dificuldade de se conceituar o advérbio em uma classe gramatical bem definida e restrita; por isso, é necessário ter cautela na hora de classificá-lo, justamente por sua flexibilidade funcional.

Consultando Melo (1968), percebe-se que ele concorda com a posição de Rocha Lima e acrescenta que os advérbios encarecem o valor de substantivo ou pronome, incluindo-o ou excluindo-o do contexto em que se apresenta (p. 300). Aqui se entra na questão das palavras denotativas identificadas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, que são: de inclusão, de exclusão, de designação, de realce, de retificação e de situação. Esse fato se configura em mais um problema na definição da classe dos advérbios, em que algumas palavras são identificadas como advérbios, mas não o são, porque não possuem a característica fundamental dos advérbios que é modificar o verbo, o adjetivo ou outro advérbio, sendo, portanto, catalogadas num grupo à parte sem denominação específica.

Em se tratando de questões referentes ao sentido, em que a sintaxe não consegue explicar o uso das palavras denotativas, porque não exercem a função básica do advérbio, Macambira (1973) analisa o advérbio sob três aspectos: o mórfico, o sintático e o semântico. Ao se reportar ao aspecto semântico, o autor afirma que “o advérbio modifica toda classe gramatical, excetuando-se o artigo e a interjeição” (p. 45). Percebe-se claramente que é, se assim podemos declarar, apenas sob o ponto de vista da semântica que as palavras denotativas se assemelham aos advérbios, indicando uma circunstância dos processos em que se envolvem.

Voltando-se ao advérbio propriamente dito, Almeida (1960) traz importantes contribuições para a sua compreensão. Considera-o sob três aspectos: quanto à circunstância (lugar, tempo, modo etc.), quanto à função (adjunto adverbial) e quanto à forma (invariável).

Sobre os advérbios de lugar e de tempo, Almeida (1960) traz, ainda, muitos exemplos da formação latina, com preposição e acusativo. Mais adiante

será feita a descrição diacrônica da evolução, na passagem do latim ao português. Dentre os exemplos dados pelo autor citado, têm-se: abaixo, acima, adiante, atrás, agora (da formação latina *hac hora*, que pode funcionar também como conjunção quando é repetida por várias vezes). Há, também, o advérbio de tempo "ainda", que pode ser escrito pela aférese ocorrida, "inda", significando "até então", "até agora" (p. 277). Abaixo do quadro seletivo dos advérbios, há uma listagem explicativa sobre alguns deles como, por exemplo, "aqui", "aí", "ali" e "lá", que correspondem ordinariamente à primeira, segunda e terceira pessoas. "Aqui" tem como referente o demonstrativo **este**; "aí" e **"**ali", **esse**, e **lá**, "aquele" (p. 276). O autor não se reporta ao grau do advérbio, apenas indica os advérbios de intensidade, classificados da mesma forma que Cunha e Cintra. O autor ressalta também que "meio" e "metade" são substantivos que funcionam ora como advérbios ora como adjetivos; o que os diferencia é a flexão do adjetivo e a inflexibilidade do advérbio.

Nesse aspecto, verifica-se pela fala a ação das variedades linguísticas estabelecidas, que, com o passar do tempo, agregam-se à modalidade escrita e ocasionam mudanças de ordem fonético/fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática. Foi o que ocorreu não só com a referida classe, mas em praticamente toda a língua portuguesa, durante o processo de evolução das línguas, quando muitas mudanças linguísticas se deram. Para evidenciar tais transformações, far-se-á um levantamento bibliográfico de gramáticos latinos, no que se refere à conceituação do advérbio.

Almeida (2000) dá uma explicação detalhada do conceito de advérbio, no que se refere à modificação que ele provoca no sentido do verbo, do adjetivo e de outro advérbio. Destaca, ainda, as principais circunstâncias que os advérbios indicam: lugar, tempo e modo. Os exemplos colocados pelo autor em cada uma das circunstâncias se assemelham aos indicados por Ravizza (s.d.), os quais serão estudados em seguida e, por esse motivo, não serão aqui apontados. Por outro lado, consideram-se com maior destaque as colocações a respeito das preposições evidenciadas por Almeida (2000), o que torna possível a discussão sobre os aspectos levantados por Bomfim (1988), no intuito de esclarecer os fatos que circundam as locuções adverbiais e, consequentemente, os advérbios latinos e portugueses.

A questão das locuções adverbiais merece destaque. Bomfim (1988) diz que tanto o advérbio como a locução adverbial possuem, implícita ou explicitamente, uma preposição, tornando-se sintagmas preposicionais. Isso porque, no latim, o advérbio formava-se a partir de um adjetivo em caso ablativo e, na passagem do latim ao português, essa construção foi substituída por casos acusativos precedidos de preposição, com a ocorrência frequente da aglutinação de ambos,

como, por exemplo, *ad* + *circa*, que deu "acerca". No latim literário, ocorriam também casos de locuções adverbiais com preposição, mas a preferência por formas sintéticas tinha maior frequência e sua derivada, a língua portuguesa, evoluiu para construções mais desenvolvidas, com maior número de vocábulos (preposições, artigos, pronomes etc.), caracterizando-se, portanto, como uma língua analítica.

Segundo Nunes (s.d., p. 345-346), as locuções adverbiais formam-se a partir de sete casos: 1) da junção de preposição e nome (substantivo ou adjetivo): por fim, sem dúvida, com efeito, depressa; 2) da união de uma preposição e de um advérbio: donde, aonde, em diante, até ali; 3) da união de dois advérbios: não menos, quanto menos, não mais; 4) da junção de pronome e substantivo ou advérbio: *essora* (arcaico), outrossim; 5) dois pronomes: isso mesmo; 6) conjunção e verbo: sequer; 7) quando funcionam como verdadeiras frases: de quando em quando, nem mais nem menos, onde quer que seja, a não poder.

Com referência às preposições, Almeida (2000) afirma que elas têm por função ligar duas palavras, estabelecendo uma relação de subordinação entre elas; e como as preposições latinas regiam somente dois casos, o acusativo e o ablativo, esse ponto de vista contraria a proposta de Bomfim (1988), a qual se refere à construção de acusativo com preposição apenas como fator de evolução da língua. Segundo Almeida (2000), aquelas preposições que regem exclusivamente o caso acusativo são: *ad, ante, apud, cis, erga, extra, inter, per, post, propter, supra, trans*. Outras, porém, regem somente o ablativo, como: *a* ou *ab, cum, de, e* ou *ex, pro* e *sine*. E há ainda a preposição *in* utilizada para ambos os casos, com a diferença de que no acusativo é empregada com verbos de movimento (*eo in urbem* - vou para a cidade; *incedere in hostes* - avançar contra os inimigos), tendo, dessa forma, como tradução **a, para** e **contra**. No ablativo, *in* é colocada com verbos que indicam permanência ou movimento circunscrito (*sum in urbe* - estou na cidade; *ambulare in agris* - passear nos campos (p. 144)), tendo como tradução **em**.

Voltando às locuções adverbiais, o autor apresenta vários exemplos: *a priori* (segundo um princípio anterior), *ab aeterno* (desde toda a eternidade), *ab initio* (desde o princípio), *ad referendum* (pendente de aprovação), *ex abrupto* (repentinamente, arrebatadamente), *ex cathedra* (em função do próprio cargo), *grosso modo* (por alto, resumidamente), *ibidem* (no mesmo lugar), *ipsis verbis* (com as mesmas palavras, sem tirar nem pôr), *lato sensu* (em sentido geral), *per fas et per nefas* (a torto e a direito, quer queira quer não, por qualquer meio), *statu quo* (no estado em que), *stricto sensu* (em sentido restrito) (p. 145-147). Essas são algumas das locuções encontradas em Almeida (2000), em que se percebe a variedade das

locuções, sendo que muitas delas aparecem em textos da língua portuguesa, sem nenhum destaque, sem aspas, o que denota seu frequente uso.

Após essa elucidação sobre as locuções adverbiais, que, na maior parte dos casos, são as principais responsáveis pela formação dos advérbios portugueses, é necessário, ainda, aprofundar a questão dos advérbios latinos no que se refere a sua classificação e estrutura morfológica. Nesse campo, destaca-se Ravizza (s.d., p. 149). Esse autor afirma que os advérbios constituíam-se de casos latinos como, por exemplo, ablativos da primeira e segunda declinações (*dextra* - à direita; *sinistra* - à esquerda; *una* - juntamente; *initio* - no início; *principio* - no princípio); casos locativos (*heri* - ontem; *fori* - espaço reservado para certo fim); acusativos singulares neutros e femininos (*multum* - muito; *nimium* - excessivamente; *parum* - muito pouco; *perperam* - falsamente; *bifariam* - em duas partes), e casos acusativos singulares de temas em "i" (*certatim* - com insistência*; gradatim* - gradualmente; *confestim* - imediatamente). Segundo o autor, os advérbios são separados conforme indicam circunstâncias de lugar, tempo, modo e qualidade.

Os advérbios de lugar são aqueles que respondem às perguntas: *ubi?, quo?, unde*? e *qua*? (onde?, para onde?, donde? e por onde?), que são: *hic* - aqui; *illic* - ali; *ibi* - aí; *ubique* - em toda a parte; *alibi* - em outro lugar; *huc* - para cá; *istuc* - para aí; *illuc* - para lá; *eo* - para ali; *hinc* - daqui; *istinc* - dali; *illinc* - daí; *hac* - por aqui; *istac* - por aí e *illac* - por ali.

Os advérbios de tempo são: interrogativos (*quando*? - quando?; *quamdiu?* - por quanto tempo?; *quousque?* - até quando?, *e quotiens?* - quantas vezes?); demonstrativos (*nunc* - agora; *tum* - então; *tamdiu* - por tanto tempo; *diu* - por muito tempo*; jamdiu* - desde muito tempo*; totiens* - tantas vezes); relativos (*quamdocumque* - cada vez que; *quotienscumque* - todas as vezes que; *dum* - durante o tempo em que; *quoad* - até que*; donec* - enquanto) e indefinidos (*aliquando* - alguma vez; *quondam* - outrora; *alias* - outras vezes; *aliquandiu* - por algum tempo; *aliquotiens* - algumas vezes). Os numerais também são classificados como advérbios de tempo (*semel* - uma vez; *primum* - pela primeira vez; *primo* - em primeiro lugar; *bis* - duas vezes; *iterum* - pela segunda vez; *secundo* - em segundo lugar). Além desses, encontram-se também outros advérbios de tempo como: *hodie* - hoje; *pridie* - no dia antecedente; *cotidie* - cada dia; *perendie* - depois de amanhã*; pridem* - desde muito tempo; *modo* - há pouco*; illico* - logo; *extemplo* - imediatamente*; brevi* - em pouco tempo; *adhuc* - até aqui; *deinde* depois; *subinde* - sucessivamente.

Os advérbios de modo e qualidade são formados a partir de adjetivos qualificativos e particípios, observando-se que os advérbios terminados em **e**

correspondem ordinariamente aos adjetivos em **us** e **er**, e aqueles terminados em **ter** ou **iter** correspondem aos adjetivos da terceira declinação (*prudens = prudenter* - prudentemente; *audax = audacter* - audazmente; *felix = feliciter* - felizmente; *par = pariter* - igualmente), com exceção de *bonus* (bom), *malus* (mau) *e magnus* (grande), que têm advérbios *bene* (bem), *male* (mal) e *magnopere* (grandemente). O acusativo neutro singular do adjetivo também forma advérbios: *facilis = facile* - facilmente; *difficilis = difficile* - dificilmente; *recens = recens* - recentemente.

Em relação ao grau dos advérbios latinos, aqueles terminados em **e**, **o** e **ter** possuem os graus comparativo e superlativo regulares: *docte* (sabiamente) = *doctius* (mais sabiamente) - *doctissime* (sapientissimamente); *fortiter* (fortemente) = *fortius* (mais fortemente) - *fortissime* (fortissimamente). Outros têm os graus irregulares como, por exemplo: *bene* (bem), *melius* (melhor), *optime* (otimamente)**;** *male* (mal), *pejus* (pior), *pessime (*pessimamente); *magnopore (grandemente), magis* (mais), *máxime* (maximamente); *nom multum* (não muito), *minus* (menos), *minime* (minimamente).

Fazendo-se um paralelo entre Ravizza (s.d.) e Câmara Júnior (1975), percebeu-se que o primeiro traz mais informações sobre a formação dos advérbios, explorando e especificando a sua classificação no que se refere aos advérbios de lugar, tempo e modo. Câmara Júnior (1975), por sua vez, faz uma apreciação mais sucinta do advérbio, porém sem deixar de evidenciar fatos fundamentais relacionados aos advérbios.

Câmara Júnior elenca três tipos básicos de advérbios: dois de origem pronominal, indicando tempo ou lugar, chamados temporais e locativos, e outro que se desmembra em grupo de origem nominal, denominado modal. Segundo o autor, o advérbio acrescenta uma circunstância ao verbo e recebeu a designação de "epirrhema" pelos gramáticos gregos e "adverbium" pelos gramáticos latinos (p. 117). A função de modificar o verbo, o adjetivo e outro advérbio somente se relaciona aos advérbios modais, porque estabelecem uma relação de "um modo de ser" (p. 118) nas circunstâncias que indicam.

Ravizza afirma que os advérbios de lugar correspondem às perguntas de pronomes interrogativos. Já Câmara Júnior não se refere aos advérbios locativos dessa maneira, cita-os como indicadores de situação (ubi), de proveniência (unde) e de direção (quo). Em contrapartida, um dado diferenciado, apontado por Câmara Júnior e que não se encontra em Ravizza, mas em Almeida (1960), de maneira não muito explícita, foi o tratamento dos advérbios, tanto dos locativos como dos temporais, como aqueles que estão relacionados ao "campo mostrativo do falante" (p. 117) no momento da comunicação.

Câmara Júnior (1975) divide seu estudo do advérbio quanto a sua ocorrência na língua latina e na língua portuguesa. A respeito da língua latina, o autor relata que, nas línguas indo-europeias, o advérbio se constituía de muitas maneiras, sendo que no latim houve uma simplificação dessas ocorrências para dois aspectos: aglutinando-se ao verbo e originando o sistema de prefixos, ou por associação ao complemento nominal, gerando as preposições. Na última construção, verificou-se uma redundância, porque as palavras já possuíam seus marcadores circunstanciais por meio das desinências de caso (geralmente ablativo e acusativo). Esse problema foi solucionado pela eliminação dos casos nas línguas românicas e pela permanência das preposições (p. 119).

Em relação aos advérbios modais, Câmara Júnior (1975) evidencia a formação deles da mesma forma que Ravizza (s.d): derivação de adjetivos terminados em **e** e **o**, de adjetivos com temas **u**/**o** ou sufixo **ter**, além daqueles provenientes do nominativo-acusativo neutro. Em geral, os advérbios latinos constituíam-se em casos ou por aglutinação de vocábulos e ainda pelo emprego de locuções.

Uma denominação encontrada em Câmara Júnior (1975), que já se verificou em outros, como Almeida (1996), mas sem essa especificação, é a designação de sistema bipartido (cá, lá, acolá) e tripartido (aqui, ali, aí) para os advérbios locativos, indicando situação ou direção.

Sobre os advérbios locativos interrogativos e temporais, como aqueles que expressam o conceito de dia, o autor designa-os de maneira semelhante a Ravizza, bem como os modais, no que se refere ao emprego do sufixo "mente", concordante com o gênero feminino e sujeito à coordenação de adjetivos, aceitando o sufixo na última palavra. Isso se dá porque, segundo Nunes (s.d., p. 348), a palavra *mente* era utilizada em separado e, no português, quando se seguem dois ou mais advérbios, coloca-se apenas no último. Câmara Júnior (1975) também aponta para questões semânticas do advérbio, em que é tomado com outros sentidos, como, por exemplo, "antes", que pode indicar preferências, e "depois", para "indicar sequência de ideias" (p. 124).

Said Ali (1964) aborda o advérbio como modificador do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio, sem exercer a função complementar do acusativo, do dativo e do objeto direto circunstancial. O autor apresenta ainda outra explicação, diferenciada de Nunes (s.d.), para a formação de advérbios com a palavra *mente*. Segundo Said Ali, as línguas românicas enriqueceram-se com formações desconhecidas do latim literário, principalmente com os advérbios em *-mente*, cuja terminação pertence ao caso ablativo de *mens* (p. 183). Ele confere aos advérbios a função de indicadores

de circunstâncias: tempo, lugar, modo, negação, afirmação, dúvida, quantidade, ordem. Para esse autor, vários advérbios pronominais originaram-se das formas ablativas *hic, hac,* aglutinadas a outras palavras como *eccu (m), ill (e)*, fato que o leva a classificá-los de maneira semelhante a Ravizza (s.d.). Said Ali (1964) apresenta os advérbios como pronominais (demonstrativos na indicação de lugar: porém, pois, depois; talvez e embora); como extintos, muito utilizados no português arcaico (suso, a suso, a juso; a fundo, em fundo; acima, em cima; toste; asinha; estonce; samicas, cajuso, a for; desi; inde, ende, em; tamalvez), como advérbios pleonásticos (para dar ênfase) e advérbios acrescidos da terminação **-s**.

Um fato interessante, que se apresenta nas considerações de Said Ali e que prova a alteração semântica de um vocábulo, durante a evolução de uma língua, é o caso do advérbio "porém", o qual era utilizado no sentido de "por isso", denotando causa, motivo, e acabou designando uma oposição de ideias, configurando-se em uma conjunção adversativa que pode ser deslocada em qualquer parte da frase. Outra alteração semântica se deu com o advérbio *talvez*, que indicava tempo (alguma vez, certa vez) e que hoje indica uma circunstância de dúvida, de incerteza.

Em relação às locuções adverbiais, Said Ali (1964) diferencia-as do advérbio ao inferir que as primeiras são construções mais longas e que, por comodidade, aplica-se-lhes o nome de advérbios (p. 184). Podem ter formação constituída de preposição e substantivo ou preposição, substantivo e adjetivo, em que muitas vezes as preposições estão implícitas, principalmente em locuções do tipo "esta noite, outro dia", etc. (p. 196-197).

Maurer Júnior (1959, p. 164) afirma que o advérbio formava-se no latim a partir de um adjetivo na forma masculina singular, fato conhecido nas outras línguas românicas e, portanto, comum no latim vulgar, uma vez que as línguas românicas são derivadas do latim vulgar. Veja-se o exemplo: *greu veirez negunaa garda* = dificilmente verei uma guarda (p. 165). É possível que essa construção fosse utilizada no latim literário por influência grega; por exemplo, *magnum clamat* - chamar alto (p. 165). O latim vulgar, por sua vez, enriqueceu-se pela utilização adverbial, construída por adjetivos em gênero neutro e também com o emprego de substantivos regidos de preposição (*cum fide* - com fé*; cum amore* - com amor).

A seguir, o autor seleciona os advérbios nas circunstâncias de: <u>lugar</u> - classificando os demonstrativos igualmente a Ravizza, e ressaltando, porém, as confusões em seus usos, nas quais se empregava *ibi* por *eo*, *unde* por *ubi* (p. 166); <u>tempo</u> - aqui o autor apresenta classificação semelhante à de Almeida (2000)

(*unquam* - em algum lugar*, semper* - sempre*, hodie* - hoje); quantidade - *paucum* - pouco*, multum* - muito, *tantum* - tanto*, quantum* - quanto etc. (p. 166), com a perda de *parum* - pouco*, nimis* - muito, demasiadamente e *satis* - suficientemente. Este último foi reforçado, obtendo-se a forma *ad-satis*.

O autor evidencia ainda o hábito de, além do uso de preposições, reforçarem-se os advérbios com **-s** (ante > antes), conforme já verificado em Said Ali. Um dado importante que não foi verificado nos outros autores foi a questão da preposição, principalmente da preposição *de*, que, com o tempo, tornou-se expletiva, sem função semântica especial.

De acordo com a presente pesquisa, tanto entre os autores que se detêm no estudo da língua portuguesa quanto entre aqueles que se direcionam mais à língua latina, percebeu-se que o advérbio tem como função primordial modificar o verbo, podendo modificar, também, outras classes gramaticais, como o adjetivo e o próprio advérbio. E é por sua mobilidade funcional que, muitas vezes, fica difícil classificar os diversos vocábulos que se inserem nessa categoria.

Dentre os gramáticos da língua portuguesa, ressalta-se o trabalho de Cunha e Cintra (1985), com explicações bem detalhadas sobre o advérbio, em relação à sua estrutura composicional e ao seu aspecto semântico. É notável a presença de Macambira (1973), ao evidenciar as implicações do advérbio em várias categorias gramaticais (substantivos, conjunções etc.).

Em relação à formação e à estrutura latina do advérbio, destacam-se Ravizza (s.d.) e Câmara Júnior (1975), os quais trabalham de maneira singular o advérbio, com algumas abordagens semelhantes. Em relação à questão semântica, verificou-se que Said Ali (1964) explora-a ao tratar da evolução das línguas (do latim ao português), com exemplos latinos e do português arcaico.

O estudo do advérbio torna-se importante porque é uma categoria de numerosos vocábulos, envolvendo muitos aspectos tanto em sua classificação quanto em suas funções. Alguns autores abordam-no de forma mais sucinta, não mostrando a sua complexidade, o que carece de maior pesquisa para verificar melhor todos os desdobramentos diacrônicos.

METODOLOGIA

Este trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica, em que foram consultadas gramáticas e dicionários da língua latina e da língua portuguesa, no que dizem respeito aos aspectos sincrônicos dos advérbios, e gramáticas históricas, no tocante aos aspectos diacrônicos. A diacronia situa-se no eixo do

tempo, da sucessividade, e a sincronia, pelo contrário, situa-se no eixo das simultaneidades (SAUSSURE, 1973). Buscou-se uma fundamentação teórica para evidenciar os conceitos e teorias sobre o advérbio, tanto do latim quanto do português. Nesse sentido, são abordadas questões como a origem e a formação do advérbio nas duas línguas em análise, a sincronia e a diacronia, pontos de convergência ou divergência com relação aos aspectos estruturais e semânticos, locuções adverbiais e preposições.

Para a análise diacrônica, foram escolhidos, como *corpus,* os advérbios que sobrevivem no português moderno, reportados por Coutinho (1962). Nessa análise, foram seguidos os seguintes passos: a) destaque do advérbio português; b) evolução do latim ao português, entre parênteses; c) descrição dos metaplasmos ou transformações verificadas; d) possíveis alterações semânticas.

Por fim, são feitas algumas considerações finais com relação à importância da pesquisa e dos resultados obtidos.

ANÁLISE DIACRÔNICA DOS ADVÉRBIOS: DA LÍNGUA LATINA À LÍNGUA PORTUGUESA

As alterações do advérbio, durante o processo evolutivo do latim ao português, foram decorrentes de mudanças fonéticas, morfológicas e sintáticas nos enunciados dos falantes.

Os processos mais frequentes nas mudanças linguísticas são os assim chamados metaplasmos. Coutinho (1962), Carvalho (1971) e outros apresentam algumas classificações, conforme exposto a seguir. Os metaplasmos podem ser por subtração, quando acontece queda de um fonema ou de uma sílaba no início (aférese), no meio (síncope) ou no final (apócope) de uma palavra. São de adição quando um ou mais fonemas são acrescentados à palavra: prótese, no início; epêntese, no meio, e paragoge, no fim. Metaplasmos de transformação ou troca: abaixamento, quando há a passagem de **u** para **o** e de **i** para **e**; palatização, transformação de um fonema ou mais em palatal; sonorização, em que um fonema é substituído por sua homorgânica sonora; nasalização, quando um ou mais fonemas se tornam nasais; desnasalização, o contrário da nasalização; assimilação, quando um fonema se torna igual ou semelhante a outro; dissimilação, quando dois fonemas iguais ou semelhantes se diferenciam; crase, quando um fonema se funde a outro; ditongação, quando uma vogal se transforma em ditongo. O metaplasmo de transposição mais frequente é a metátese, quando um fonema sofre deslocamento dentro da mesma sílaba.

Também se podem encontrar advérbios que permaneceram da mesma forma que eram no latim, sem nenhuma alteração, especialmente aqueles terminados em **-e** e **-o**, como é o caso de "tarde" e "quando".

Também se menciona o processo de aglutinação, devido ao caráter analítico da língua popular, que tem preferência pela construção com advérbio precedido por preposição. A aglutinação consiste no acréscimo de um afixo à palavra, alterando a sua pronúncia e o seu radical. As principais aglutinações foram das preposições ad e a ou ab. As preposições servem para ligar duas palavras, estabelecendo uma relação de subordinação para aquela que a segue. Desse modo, faz-se necessário relembrar as principais preposições latinas que regem somente dois casos, o acusativo e o ablativo. O acusativo tem as seguintes preposições: *ad, apud, cis, erga, extra, inter, per, post, propter, supra* e *trans*. O ablativo: *a* ou *ab, cum, de, e* ou *ex, pro* e *sine*. A preposição in ora rege o acusativo ora rege o ablativo. Indica permanência no ablativo e no acusativo é empregada com verbos de movimento, porém não se constata nenhum caso de formação de advérbio com tal preposição. Dessas preposições, as que mais contribuíram para a formação dos advérbios foram ad e a ou ab. Também houve a construção com a preposição de.

Consoante essas perspectivas, dá-se início à análise do "corpus" proposto (COUTINHO, 1962, p. 309-315).

ADVÉRBIOS DE LUGAR

abaixo (< a + baixo): nesse processo, percebe-se que ocorreu a aglutinação de "a" com "baixo". O nome baixo veio do latim bassu, segundo Nascentes (1955).

cá (< aca <accu + hac): ocorreram a apócope do "c" em "hac", a queda do "h" por aférese, síncope de um dos "c" no interior de "accu". A seguir, a aglutinação do "ac" ao "a", produzindo "aca" e, por fim, a aférese do "a".

acerca (<a + cerca <ad + circa): aqui ocorreram a apócope do "d", o abaixamento do "i" para "e" e, por fim, aglutinação de "a" à palavra.

acima (< a + cima < ad + cima): uma queda do "d" por apócope e aglutinação de "a" à palavra. Nesses dois advérbios, acerca e acima, ocorre a mesma formação que se deu em abaixo com a aglutinação da preposição.

lá (<alá <a + lá <ad + illac): apócope do "d" em "ad", a aférese do "i", a síncope de um "l" e a apócope do "c" em "illac"; a seguir, a aglutinação do "a" ao vocábulo e, por fim, a queda desse "a" por aférese, originando lá.

além (< alende < ad + inde): dissimilação do "d" em "ad" para "l", por influência do "d" em "inde"; assimilação vocálica total regressiva do "i" por força do "e"; apócope do "de".

aquém (<aquende < accu + inde): em “accu”, percebe-se a síncope de um dos “c” e depois uma reorganização ortográfica do “c” em “qu”; em “inde” ocorreu uma assimilação vocálica total, regressiva do “i” por “e”. A soma de “aqu” com “ende” gerou “aquende”, que sofreu apócope do “de” e adequação ortográfica do “n” em “m”.

aqui (< accu + hic): aférese do “h”; apócope do “c” em “hic”; aglutinação do “i” a “accu”, resultando “accui”; síncope de “cu” em “accui”; reorganização ortográfica do “c” para “qu”.

arriba (<a + riba < ad + ripa): assimilação consonantal total regressiva do “d” pelo “r”; aglutinação e, por fim, sonorização de “p” para a sua homorgânica sonora “d” em “ripa”. No latim, “ad ripa” significava um lugar à margem, à beira de um rio, de um lago, mas tomou o sentido de um lugar superior, generalizando-se esse conceito para a língua portuguesa.

atrás (< a + trás < ad + trans): apócope do “d”; síncope do “n” e aglutinação de “a” a “tras”.

avante (< ab + ante): aglutinação de “ab” e “ante” e degeneração da sonora de “b” para a sonora “v”.

dentro (< de + intro): aglutinação do “de” à palavra; assimilação vocálica, total, progressiva, não contígua do “i” por “e” (deentro) e, por fim, a crase.

detrás (< de + trás < de + trans): síncope do “n” em “trans” e aglutinação.

diante (< de + ante): aglutinação (deante) e elevação do “e” para “i”. É possível também a forma “de + in + ante”.

fora (< foras): apócope do “s”.

aí (< a + i < ad + hic): aférese do “h”, apócope do “c” e do “d”. Há também a possibilidade da construção de “ad + ibi” para esse advérbio.

longe (< longe): não ocorreu mudança. Foi um dos poucos advérbios do latim que passou ao português com a formação da terminação –e.

onde (< unde): abaixamento do “u” para “o”.

perto (< preto): metátase do “r”. Apesar de as sílabas iniciais permanecerem intactas nas transformações das línguas, conforme Lei Fonética (COUTINHO, 1962), aqui se percebe uma exceção em que se deu a metátase do “r”, a qual consiste na permuta de um fonema na mesma sílaba.

ADVÉRBIOS DE TEMPO

agora (< hac + hora): aférese dos dois “h” em ambas as palavras; sonorização do “c” para sua homorgânica sonora “g” e aglutinação.

amanhã (< a + manhã < ad + *maniana): apócope do "d" em "ad"; nasalação do "a" de "an" por contaminação do "n", produzindo "maniãa"; apócope de "a" em "maniãa"; a palatização do "ni" para "nh" e aglutinação.

antes (< ante): paragoge do "s".

após (< a + pós < ad + post): apócopes do "d" e do "t" e aglutinação de "a" a "pos".

cedo (< cito): abaixamento do "i" para "e" e sonorização do "t" para sua homorgânica sonora "d".

depois (< de + post): apócope do "t"; epêntese do "i" e aglutinação. Esse advérbio também pode ter sido formado por "de + ex + post".

então (<entom): nasalização do "o" por contaminação (entõ) do "m" e conseqüente ditongação (ão). Segundo Nascentes (1955), no latim, esse advérbio era escrito "intunc" e essa forma de escrita era preferida do latim clássico.

hoje (< hodie): palatização do "di" para "j".

ainda (< a + inda < ad + inde + ad): apócope do "d" nas preposições (a + inde + a); assimilação vocálica, total, regressiva do "e" pelo "a" (ainda + a), aglutinação (aindaa) e crase. Esse advérbio também pode ter sido originado da construção "ad + hinc + de + ad", o que representa um processo bastante complexo.

já (< iam < jam): apócope do "m" e consonantização (i > j).

jamais (< jam + magis): apócope do "m"; síncope do "g". Segundo Nascentes (1955), a combinação adquiriu formação negativa por se juntar a uma palavra que indicava negação.

logo (<loco): sonorização do "c" para sua homorgânica sonora "g". No latim, esse advérbio indicava lugar, mas hoje indica tempo.

nunca (< nunquam): apócope do "m"; síncope do "u" e reorganização ortográfica de "q" para "c".

ora (<*oora < a + ora < ad + hora): apócope do "d"; aférese do "h"; assimilação vocálica, total, regressiva de "a" por "o"; crase de "oo".

quando (< quando): não ocorreu mudança. Também é um dos poucos advérbios latinos com terminação -o que passaram intactos ao português.

sempre (< semper): metátase do "r".

tarde (< tarde): não ocorreu mudança. Esse advérbio veio do latim com a terminação -e.

ADVÉRBIOS DE QUANTIDADE OU INTENSIDADE

assaz (< assatz < ad + satis): apócope do "d" em "ad"; em "satis" ocorre redobro do "s", síncope do "i" e evolução de "tz" para "z". Assaz corresponde ao mesmo significado de bastante.

bastante (< bastantem): apócope do "m" no caso acusativo. Formou-se a partir do particípio presente do verbo bastar.

demais (<de + mais < de + magis): síncope do "g" e aglutinação.

mais (<magis): síncope do "g".

menos (<minus): abaixamento do "i" para "e" e do "u" para "o".

muito (<multu): vocalização do "l" para "i" e abaixamento de "u" para "o".

nada (< nata): sonorização de "t" para "d". Esse advérbio também pode corresponder a uma negação; muitos autores o consideram como advérbio negativo.

pouco (pauco < paucu): abaixamento do "u" final para "o" e assimilação vocálica, parcial, regressiva do "a" para "o".

quase (< quasi): abaixamento de "i" para "e".

tanto (< tantu): abaixamento de "u" para "o".

tão (tã < tam): nasalização e ditongação.

quanto (< quantu): abaixamento de "u'" para "o".

quão (< quam): nasalização e ditongação.

ADVÉRBIOS DE MODO

assim (< assi < ad +sic): apócope do "c"; assimilação consonantal, total, regressiva do "d" pelo "s"; nasalização.

bem (be < bee < bene): apócope do "e", nasalização do primeiro "e", crase do "ee" e adequação ortográfica de "be" (com til) para "bem".

como (<comoo <quomo < quomodo): síncope do "d"; síncope do "u"; adequação ortográfica do "q" para "c"; crase de "oo".

debalde (< de + balde < de + batil): metátase do "l"; sonorização de "t" por "d"; abaixamento de "i" para "e"; aglutinação do "de".

embora (< em + boa + hora < in + bona + hora): abaixamento do "i" de "in" para "e"; aférese do "h"; nasalização do "o" de "bona" (bõa); desnasalização do "o" de "bõa" (boa); deglutinação ou queda de "oa" em "boa"; aglutinação de todos os elementos.

mal (< male): apócope do "e".

talvez (< tali + vice): apócope do "i"; apócope do "e"; sonorização do "c" para "z"; abaixamento do "i' para "e".

ADVÉRBIOS DE NEGAÇÃO E AFIRMAÇÃO

não (nõ < nom): nasalização e ditongação.

sim (< si < sic): apócope do "c"; nasalização por analogia a "não".

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De acordo com a pesquisa, na perspectiva diacrônica dos advérbios, foram verificados diversos metaplasmos. Na perda ou subtração de fonemas, foram frequentes as aféreses, síncopes, apócopes e crases. Na transposição de fonemas, as mais comuns corresponderam às metáteses. Com relação ao acréscimo ou à adição de fonemas, houve próteses, epênteses e paragoges. Na troca ou transformação, os mais frequentes foram o abaixamento, a palatização, a ditongação, a nasalização, a dissimilação, a assimilação. A aglutinação foi um processo muito marcante na evolução do advérbio. Cabe mencionar, também, a adequação ortográfica, em função das reorganizações surgidas ao longo do tempo.

Os advérbios de lugar apresentaram maior número de apócopes (cá, acerca, acima, lá, além, ali, aqui, arriba, atrás, fora, aí), seguindo-se as síncopes (cá, lá, aquém, detrás) e, por último, as aféreses (lá, além, ali, aqui). Após, tem-se a aglutinação das preposições “a” ou “ad” (abaixo, acerca, acima, lá, atrás) e “de” (dentro) que no latim regiam o caso acusativo. A assimilação também é verificada nesses advérbios (além, ali, dentro) e a reorganização ortográfica (aquém, aqui), o abaixamento (acerca, onde); a sonorização (arriba); a dissimilação (diante) e a metátese (perto). Há, ainda, casos em que não houve alteração, permanecendo o advérbio como era no latim, formado pelas desinências -e e -o. Um fato que merece destaque é a construção de alguns advérbios com as formas ablativas “illa” e “eccu” (cá, aquém, além, aqui), as quais sofreram assimilação por influência da preposição, assumindo a sua forma em que o “i” e “o” inicial passaram a “a” (NUNES, s.d., p. 341, nota 4). Por esse motivo é que alguns autores grifam “accu” com “a” (COUTINHO, 1962), e outros “eccu” com “e” (NUNES, s.d.).

Os indicadores de tempo tiveram a maior presença de metaplasmos, denotando a sua maior complexidade e diversidade de formação. Constatou-se que neles também prevaleceu a subtração por apócope (após, depois, ainda, já, jamais, nunca, ontem, ora) e da aglutinação das preposições “ad” e “de”, bem como da forma ablativa “hac”. Depois, tem-se a assimilação (ainda, ontem, ora) e a sonorização (agora, cedo, logo). Com igual quantidade de casos, há os metaplasmos de palatização (amanhã, hoje); de nasalização (então, ontem) e aqueles advérbios que não sofreram alteração (tarde, quando), permanecendo com as desinências latinas -e e -o. Outros metaplasmos ocorreram em menor número: síncope (jamais), aférese (agora), abaixamento (cedo), epêntese (depois), crase (ora) e metátase (sempre). Ocorreu, também, a adequação ortográfica, mudando a grafia do “c” para “qu”.

Dessa forma, os advérbios de tempo lideraram a variedade de formação dos advérbios portugueses, com quinze tipos de metaplasmos. Em segundo lugar, estão os advérbios de lugar, com onze tipos de metaplasmos. Em terceiro lugar, os circunstancializadores de modo, com nove, prevalecendo mais uma vez a subtração por apócope (assim, bem, mal, talvez). Depois está a síncope (como, embora), a sonorização (debalde, talvez) e o abaixamento (debalde, talvez). Os demais, em menor quantidade, são: a assimilação (assim), a nasalização (assim), a metátase (debalde), a prótese (debalde).

Os advérbios de quantidade ou intensidade colocam-se em quarto lugar quanto à diversidade de transformação via metaplasmos. Observou-se que prevaleceram o abaixamento (menos, quase, tanto, quanto) e a síncope (demais, mais, assaz). Em seguida: a assimilação (pouco, muito), a nasalização (tão, quão), a aglutinação (assaz), a sonorização (nada) e um caso que não havia sido encontrado em outros processos de formação de advérbios, o advérbio "bastante", formado, segundo Coutinho (1962), a partir do particípio presente do verbo "bastar". Por fim, verificaram-se o advérbio de negação com dois processos, a nasalização e a ditongação (não), e o advérbio de afirmação, com a nasalização (sim).

Este estudo da formação dos advérbios portugueses, a partir do latim, permitiu analisar os mais diferentes tipos de mudanças, de ordem fonética, morfológica, sintático-semântica e, principalmente, a procedência latina dos advérbios portugueses. Constatou-se, também, que os advérbios portugueses enriqueceram-se com novas criações, através da mudança de categoria, que é o caso da conversão do adjetivo em advérbio, fato que já ocorria no latim, tornando-se um recurso muito produtivo nas línguas românicas, como afirmaram Hummel (2007) e Said Ali (1964).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metodológica da língua portuguesa.** 11 ed. São Paulo: Saraiva, 1960.

______. **Gramática latina.** 29 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

BOMFIM, Eneida. **Advérbios.** São Paulo: Editora Ática S. A., 1988.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. **História e estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

CARVALHO, Dolores Garcia; NASCIMENTO, Manoel. **Gramática histórica.** São Paulo: Ática, 1971.

COUTINHO, Ismael de Lima. 5 ed. **Pontos de gramática histórica.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HUMMEL, Martin. **A conversão do adjectivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica.** Disponível em: http://www.geocites.com/ail_br/aconversaodoadjectivoem.htm?20073. Acesso em: jul. 2007.

MACAMBIRA, José Rebouças. **A estrutura morfo-sintática do português.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1973.

MAURER JÚNIOR, Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar.** Rio de Janeiro: Livraria Academia, 1959.

MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa.** 4 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, s.d.

RAVIZZA, João P. **Gramática latina.** 7 ed. Niterói: Escolas Profissionais Salesianas, s.d.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

SAID ALI, Manoel. **Gramática histórica da língua portuguesa.** 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral.** 5 ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

OBRAS CONSULTADAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa:** cursos de 1º e 2º graus. 25 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latino-Português.** 6 ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

HARRI MEIER. **Ensaios de filologia românica.** Coleção 4. Rio de Janeiro: Grifo, 1974.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira.** Porto Alegre: Globo, 1976.

MATOS e SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico:** morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 1993.

WILLIAMS, Edwin B. **Do latim ao português.** 6 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

SILVA, Solange Nascimento da. Os advérbios e sua descrição: noções e fronteiras para modo, tempo e lugar. uerj. Disponível em: http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno14-14.html. Acesso em: jun. 2007.